

## UMA NOTÍCIA QUE VI NASCER

Luiz Tomaz Pompeu Teixeira MENDES\*

Em meados da década de 1960 o cenário político brasileiro apresentava-se cada vez mais conturbado, especialmente com o recrudescimento da repressão física e ideológica promovida pelos militares e pequenos segmentos da sociedade brasileira, além da censura aos órgãos de imprensa e forte controle nos ambientes intelectuais.

Apesar da falsa idéia que muitos podem construir, a cidade de Campinas, no interior paulista, não se mostrava como um ambiente isento e protegido dessa caça às bruxas. Nesse mesmo cenário, toda a inquietação acadêmica podia ser sentida no curso de História da então Universidade Católica. Um professor chamava a atenção dos alunos recém ingressos na instituição, Odilon Nogueira de Matos, responsável pela disciplina de *Introdução aos Estudos Históricos*. Era uma época diferenciada, quando os alunos universitários realmente liam os livros indicados, como os de Jean Glénisson, entre outros, e não apenas cópias de capítulos. O professor Odilon costumava disponibilizar artigos recém escritos e livros de sua “bibliotequinha”, assim chamada carinhosamente por ele, para que seus alunos pudessem lê-los e discuti-los em aula. Foi ele, desde o vestibular, o responsável pelo primeiro contato com um “novo mundo” que nos descortinava.

Cabe aqui uma nota digna de crédito. Faz algum tempo que todo o acervo de sua magnífica biblioteca foi doado de forma desprendida para a própria universidade, ampliando-se assim o volume de possíveis “agraciados”. Não se trata de uma atitude única, visto serem comuns os acervos biblioteconômicos privados disponíveis em centros universitários ou de fomento à pesquisa, mas em um universo de poucos leitores, com bibliotecas sucateadas, uma atitude como essa só poderia vir de

alguém cujo espírito professoral de socialização do conhecimento fosse colocado sempre como prioritário.

Um sujeito inquietante. Formado em engenharia pela Politécnica da Universidade de São Paulo, com especialização em engenharia ferroviária na Alemanha, entregou o diploma de presente aos pais e passou a dedicar-se em tempo integral à História, formando-se na mesma universidade (USP). Foi lecionar História no antigo ensino secundário, indo logo depois para a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, como assistente convidado pelo professor Alfredo Ellis Junior, na cadeira de *História da Civilização Brasileira*. Por certo anteviu nele o grande mestre que por décadas contribuiu decisivamente para a formação intelectual e profissional de gerações de professores.

Formado em História e Geografia, circulava de maneira eficiente por esses dois mundos, hoje tidos como tão diferentes e competitivos, mas que na época de sua graduação complementavam-se com muito menos arrogância e muito mais coleguismo, preservando as peculiaridades de cada uma das ciências.

Tratava-se de um professor militante em tempo integral, dedicando-se tanto aos seus alunos como para as instituições em que estava vinculado.

Em pouco tempo tornou-se um dos professores mais cativantes dos cursos de História tanto da USP como da Faculdade de Filosofia (a FaFi) da UCC, atual PUC-Camp, estabelecendo um relacionamento muito próximo com seus alunos, mesmo quando ainda não se falava em “alunos protagonistas” ou estabelecimento de “contratos pedagógicos”.

Em Campinas, tornou-se o responsável pelas cadeiras de *História Ibérica* e toda a *História do Brasil*,

\* Ex-aluno do Curso de História da PUC-Campinas.

sendo ele o responsável pela formação de grandes historiadores. Para essa última, contava com a colaboração intelectual e afetiva de duas assistentes: Maria Lúcia de S. R. Ricci para a área social, e Maria Helena Degane Rocha para os debates econômicos. Ambas em perfeita sintonia com a sua orientação, tendo como objetivo único o crescimento e enriquecimento intelectual, que muito bem souberam aproveitar.

Tinha o hábito de reunir-se com os estudantes mais próximos para discutir a organização de seminários, palestras, encontros acadêmicos, tratando-os com a superioridade de um mestre, mas respeitando-os como futuros colegas de profissão.

Lembro-me de tê-lo conhecido ainda durante as provas do vestibular de seleção (tão diferente de hoje em dia). Tratava-se de uma entrevista do candidato por uma banca examinadora. Enquanto aguardava minha vez fui surpreendido por um pedido de empréstimo de meu isqueiro vindo de um dos membros da banca, o próprio Odilon. Iniciava-se aí uma amizade profícua e duradoura.

Durante a graduação costumávamos sair todas as quintas e sextas-feiras após as aulas para jantar e “jogar conversa fora”, de forma conseqüente, fazendo sempre uma análise do tempo que estávamos vivendo e de como poderíamos contribuir para não agravar a situação de nossa vida universitária, sem no entanto abdicarmos de nossas convicções políticas e ideológicas. Homem de visão larga, antevia que os “tempos trevosos” não durariam muito, em que pese os 20 anos de regime autoritário.

Foi em um desses encontros absolutamente informais, “regado” a muito suco de laranja, pizza, um lanche de lombo acebolado e água com gás no Gionvanetti, que o professor Odilon discutia a necessidade de criação de um espaço onde novas idéias pudessem circular “livremente”, publicadas sob a forma de uma revista acadêmica. A intenção era produzir uma publicação sistematizada, tratando dos mais variados temas de interesse dos estudos históricos. Como fazê-la? Para quem? O por quê? Essas eram suas inquietações e seus grandes motivadores. As idéias iam surgindo durante as conversas e muitas delas acabavam por reforçar a necessidade dessa mesma publicação.

Ele já havia feito vários ensaios, porém nada sistematizado, nem quanto à produção nem quanto à circulação. Sua vontade e empenho eram tantos que até mesmo um esboço de boneco já tinha sido por ele elaborado e foi apresentado ao dileto círculo de “escudeiros”, do qual tive o privilégio de poder participar durante anos.

Nascia assim a *Notícia Bibliográfica e Histórica*, de sua inteira responsabilidade e custeio, em março de 1969. Fiquei com o primeiro exemplar do primeiro número, recém saído da gráfica em São Paulo, com direito a dedicatória e tudo o mais. Afinal de contas, fui eu, juntamente com Odilon, que descarregamos os pacotes do carro.

Tornei-me efetivamente aquilo que Peter Burke chama de *testemunha ocular*, com todos os possíveis méritos, mas também com toda a dificuldade analítica oriunda da proximidade e afeição ao tema. Lidar com a reconstrução da memória é sempre algo delicado, e porque não dizer, perigoso, especialmente em uma sociedade letrada. O tom do testemunho de quem presencia o fato vem sempre envolto em uma bruma de “verdades” que devem ser cuidadosamente ponderadas pelo leitor.

Estive presente em toda a gestação da *Notícia*, desde seu estado mais embrionário. Vi seu nascimento. Durante aquelas reuniões, ninguém imaginava a criação de uma publicação que durasse por tantos anos, com o mesmo vigor de seus primórdios e mesmo tendo todo empenho de seu idealizador, bem como pudesse ocupar um lugar de tanto prestígio e destaque no cenário acadêmico.

Foram 8 números logo no primeiro ano, distribuídos gratuitamente aos alunos (essa política foi mantida por ele até quando deu). Com uma periodicidade mensal, tinha o intuito de levar ao estudante de História subsídios básicos para o seu desenvolvimento intelectual e profissional. Muito devem aqueles que tiveram o privilégio de, como alunos, conviver durante quatro anos com o mestre que procurava sempre marcar sua presença indelével em nossa vida universitária.

Durante anos a *Notícia* manteve sua periodicidade regular, ora mensal, ora trimestral, contando todos os números com artigos assinados por seu idealizador. As dificuldades políticas e acadêmicas podiam aí ser sentidas, principalmente porque nem sempre as sucessivas diretorias e reitorias compreendiam com o mesmo entusiasmo o arrojo e a necessidade de se levar a cabo o projeto de maneira ininterrupta.

A revista foi tomando corpo e ganhando cada vez mais adeptos, consolidando-se em um espaço importante para o debate historiográfico. Deixou paulatinamente de ser uma publicação voltada “apenas” para alunos, transformando-se em mecanismo de divulgação de pesquisas e preocupações acadêmicas relevantes. Apenas

para ilustrar a importância da *NBH* no panorama acadêmico brasileiro, colaboradores fiéis como a própria professora Maria Lúcia de S. Rangel Ricci, publicaram artigos em grande parte dos números da revista, com destaque para o “Pensamento de Silva Jardim” (nº 125) e “A atuação política de um publicista: Atônio Borges da Fonseca” (nº 157). Outro que merece destaque entre tantos é o de Érsio Lensi, com “Uma tentativa de devolução” (nº 113). Tanto um como outro tiveram trabalhos seus publicados em números especiais, em um ato sumamente meritório. Outro exemplo de preocupação com a profundidade intelectual pode ser tomado com o exemplar de nº 187 de 2002, assinado por diversos autores, e cujos artigos foram todos eles dedicados à análise da grande obra do historiador Sérgio Buarque de Holanda.

Até mesmo a renomada *Revista de História* da USP, sob a então direção de Eurípedes Simões de Paula rendeu-se ao caráter provocativo e autêntico desse novo periódico, fazendo referência a ele em suas páginas. Não se pode deixar de levar em consideração que muito desse espaço era fruto do prestígio pessoal de Odilon que tão bem soube honrar a posição acadêmica, assim como dignificar seu papel de historiador.

Apesar do quase nenhum arrojo gráfico, tratado como algo de menor importância pelo próprio Odilon (muito mais preocupado com seu conteúdo), em seus 38 anos de existência a publicação tornou-se uma referência quase

obrigatória para aqueles que pretendem se dedicar à História como profissão.

O reconhecimento e prestígio vieram tão rapidamente que já no quarto número, ainda em 1969, na seção “Comentário”, Odilon agradecia ao Reitor Barreto Fonseca e ao Diretor da Faculdade Francisco Ribeiro Sampaio por terem manifestado interesse em auxiliar financeiramente a publicação da *Notícia* tornando-a uma publicação da própria Universidade Católica.

O afastamento do professor Odilon da coordenação da *Notícia* pode ser visto sob dois aspectos. Se por um lado, o fato do leitor não encontrar mais seu nome no expediente da publicação pode causar uma certa perda de referência, por outro lado comprova a solidez da sua criação, que mesmo sem seu mentor será capaz de manter-se ativa. No momento em que a *NBH* passa por uma mudança profunda em sua coordenação, a expectativa é que a qualidade seja mantida, assim como a seriedade acadêmica. As pessoas mudam, e isso é saudável, e muitas vezes necessário, mesmo que com grande pesar, mas o espírito norteador deve ser preservado. Espero que essa nova etapa venha coroada com o mesmo brilhantismo da inicial, não se perdendo nos meandros da vaidade universitária.

**Rib. Preto, 15/04/2006**